

O ROMANCE DE LYA LUFT

Roberto Corrêa dos Santos

FRI — PUCRJ — Letras

LUFT, Lya. O quarto fechado. 3.^a edição.
Rio de Janeiro, Gunabara 1986.

Mesmo para quem não se interesse por famílias literárias de um país, não há como deixar, lendo os romances de Lya Luft, de perguntar-se a que família de escritores ela estaria ligada. A pesquisa de parentescos auxilia, é certo, a delinear afinidades estéticas, tanto formais quanto temáticas; mas também, num estágio mais primário, serve para proteger o leitor do incômodo de estranheza face ao inabitual. Assim como é flagrante a existência de uma força, de uma pulsão, que clama — apesar de às vezes manifestar-se como recusa — por um dispêndio com o novo, é comum a reivindicação psíquica de uma leitura sem sustos, sem gastos excessivos, obtida pelo reconhecimento imediato de uma área de semelhança entre aquilo que se encontra à nossa frente e aquilo que já vimos. O reconhecimento é uma economia e um prazer.

No caso da literatura de ficção de Lya Luft, só com muita dificuldade o leitor poderá apoiar-se no conforto da identificação dos escritores nacionais com que ela estaria em correspondência “consanguínea” (as afinidades das formas e dos gostos, bem como a semelhança entre os duros temas de uma existência são uma espécie de sangue, de irmanação). De qualquer modo, não seria no campo da literatura feita por mulheres, no Brasil, que se poderia situar a literatura de Lya. Seus parceiros aqui são aqueles raros escritores preocupados em percorrer as zonas caladas da vida mental, suas “deformações”, suas “monstruosidades”. Por isso talvez não seja de todo absurdo aproximar do universo imaginário de Lya Luft nomes como os de Cornélio Penna, Lúcio Cardoso e Néelson Rodrigues, apesar de eles próprios tão distintos em sua solidão. O vocabulário aparentado das imagens e das obsessões temáticas circula nos quatro. Num certo sentido, os quatro lêem e escrevem uma “mesma” enciclopédia do horror trágico. No entanto, dos três, Lya difere no grau de delírio de que se nutrem todas essas artes.

A incomunicabilidade, os segredos, os mistérios, os vícios, os traumas, as duplicidades e o duplo, os medos e as perversões — a morte e a loucura, enfim — são matérias comuns aos quatro escritores. Só que, em Lya, tais matérias são, curiosamente, expostas com a serenidade de quem já tivesse exorcizado antes da escrita os fantasmas. O delírio, potência exacerbada da imaginação, continua a ser, nos romances de Lya, uma força criadora. Mas uma força dominada. *Sob controle*, como se diz após as emoções fortes. Sua literatura não brinca com os terrores, como a de Néelson; não se entrega a eles, como a de Lúcio; não os torna monumentais, como a de Cornélio. E é graças ao estado de planeza com que narra os infortúnios, que fica possível dar à dor e ao medo seus contornos, em pinceladas firmes, porém leves e sem desespero.

Para que haja desespero é necessário que haja pelo menos um mínimo de esperança. O grupo de seres criados por Lya não comporta o riso e, na maioria das vezes, não espera mais nada. Ou ainda, o que seria mais exato, espera o nada. Até as poucas expectativas de algumas personagens são desesperançadas. Os destinos são inexoráveis e a Morte, símbolo máximo dos romances, seu motor. Por pressupor este comando (a Morte) — forte e inevitável em sua concretude —, a dor e o medo expressam-se como dor e medo narrados. Dor e medo, revistos: regiões protegidas pela massacrante certeza do fim. Esta permite a visão serena e ao mesmo tempo cruel. Com serenidade, as narrativas dissecam a crueza dos inter-relacionamentos, sempre provisórios e, sobretudo, fatais. Cada caso assinala seu acontecimento traumático, aquele a partir do qual toda uma vida passa a ser feita. O trauma é aí a morte e é razão de um certo modo de existir. Delicadas, as narrativas aproximam, sem misturas, as histórias individuais. Histórias vividas por cada um, mas enlaçando de algum modo e todos. Este, um dos processos dramáticos de ficção de Lya Luft, além dos diálogos e da oralidade que a preparam para o palco.

Há nesses romances uma vontade particular de compreensão. Compreensão provinda não de uma psicologia interiorizante, mas de uma psicologia plástica, quase expressionista, para a qual afastar é a condição do ver. Ver o quê? Ver aquilo que se passa nas feições, em função daquilo que se alastra sob, na vida a que chama de *subterrânea*. Como na metáfora, em *Reunião de família*, da árvore decepada, cujas raízes não param de crescer e destruir o que as retém. Por afastar para ver, sua escrita procura não produzir um pensamento, uma filosofia, em seu sentido também tradicional. Não é a reflexão que se impõe, e sim a exposição dos fatos, distribuídos com equilíbrio, de forma a tornar livres a fluência e a arquitetura dos acontecimentos. Por essa estratégia, as “doenças” deixam-se ver, mostram-se as tramas e a genealogia do espírito alemão. Não é, pois, aleatória a relação dessa literatura com as artes do olhar: as lembranças de *As parceiras* (1980) são designadas de filme; as recordações e a linguagem adolescentes de *A asa es-*

querda do Anjo (1981) encontram-se sob o abrigo da andrógina escultura; *Reunião de família* (1982) apresenta-se como uma grande fotografia das forças reativas da vontade; em *O quarto fechado* (1984) tudo se expande em torno da imagem de um quadro em que se retrata uma ilha para onde vão os mortos: o fluxo e o isolamento.

Pela técnica do olhar sereno e cruel, leve e contundente, Lya conta-nos histórias do fracasso (a vitória é vivê-lo até seu ponto máximo), histórias dos desejos secretos dos desamados e “dos dúbios que não conseguem amar dentro do esquadro alheio”, conforme nos diz Anelise, a personagem de *As parceiras* que, sendo uma das peças, narra o jogo travado entre as duas senhoras, as duas bruxas: a Morte, a Vida — as fiandeiras. Em *O quarto fechado*, o último romance até agora publicado, continua-se a narração desse jogo, dessas memórias imaginadas que não param de indagar: “O que é isso, a Morte?” O romance de Lya Luft restaura, assim, em nosso tempo e em nossa cultura, para além de toda moral média, a *Necessidade* grega, as inevitabilidades. Pois o que tem de ser será.